

Em um mundo de Kens, quem é o Allan? Refletindo sobre masculinidades e feminismos a partir do filme *Barbie* (2023)¹

Aélton Alves de Melo Júnior²
Universidade Federal Fluminense, RJ

RESUMO

Propomos refletir sobre o masculinidade e feminismos, a partir da análise do personagem Allan no filme *Barbie* (2023), sobretudo, quando este se filia a luta organizada de mulheres contra um sistema baseado em ideias patriarcais. Para o estudo, revisamos o conceito de masculinidades, a partir dos estudos feministas de gênero. Posteriormente, selecionamos cenas para observar como a narrativa do Allan foi desenvolvida. De modo que, foi possível identificar as motivações e os discursos de sua representação. O estudo nos permitiu elucidar caminhos para a atuação ativa dos sujeitos masculinos dentro das lutas feministas, isto é, como aliados e como agentes estratégicos para mudanças sociais.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; masculinidade; feminismo; *Barbie*.

Introdução

Nos apoiando nos estudos de gênero acerca das masculinidades, buscaremos neste texto discorrer sobre a presença do masculino dentro das lutas feministas. Enviesamos este debate tomando para análise a narrativa do personagem fictício Allan, do popular filme *Barbie* lançado em 2023.

A narrativa do filme *Barbie* se baseia no binarismo de gênero, na qual Allan representa uma masculinidade subordinada à hegemônica, não se encaixando como um Ken (homem) ou uma *Barbie* (mulher). Na narrativa, quando os Kens assumem o poder, estabelecendo um regime patriarcal que subjuga as mulheres, o Allan também é afetado. No entanto, ao se unir a um grupo de mulheres em contragolpe, ele se destaca como uma figura masculina parceira na luta delas. Diante desse cenário, questionamos: quais reflexões o papel desempenhado pelo personagem Allan pode nos revelar sobre a presença do masculino nas lutas feministas:

¹ Exemplo: Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 14 - Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024

² Doutorando em Mídia e Cotidiano pelo PPGMC/UFF e Mestre em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFCEG. E-mail: aeltonjunior@gmail.com / aeltonmelo@id.uff.br

Metodologicamente, propomos revisar o conceito de masculinidades a partir do arcabouço teórico feminista e de gênero, na qual convidamos para a cena nomes como Connel e Pearse (2015), Judith Butler (2018), Pedro Oliveira (2004) e socióloga Mariana Azevedo (2012). Posteriormente, selecionaremos cenas do filme *Barbie* (2023) em que o personagem Allan é desenvolvido para realizarmos análise discursiva e imagética. De modo que destacaremos como o personagem foi representado, que sujeito masculino ele é e quais são suas motivações.

Fundamentação teórica

É senso comum que as organizações sociais da vida cotidiana se agrupam no binário homem e mulher, menino e menina, masculino e feminino, de modo que pouco contestamos essa organização, pois, já naturalizou-se, ao passo que “[...] a crença de que distinções de gênero são ‘naturais’ faz as pessoas se escandalizarem quando alguém não segue o padrão” (Connel e Pearse, 2015, p. 37). E essa organização de “ordens de gênero”, são reguladas e transmitidas por diversas instituições sociais, como as mídias de massa, a família, o trabalho, a cultura etc.

Tencionando a máxima de Simone de Beauvoir, Connel e Pearse (2015) colocam que “ser um homem ou uma mulher, então, não é um estado predeterminado. É um tornar-se; é uma condição ativamente em construção” (Connel e Pearse, 2015, p. 38). Já Judith Butler (2018) argumenta que a formação do “eu” é profundamente influenciada por normas sociais e históricas, ou seja, por códigos que regulam como os sujeitos são formados e reconhecidos. Essas normas não apenas moldam o indivíduo, mas também permitem que os outros o reconheçam. Logo, desafiando a ótica do binarismo de gênero (masculino/feminino), Butler (2018) argumenta que o gênero não é uma característica fixa ou natural, mas sim uma performance que é continuamente recriada e reforçada através de nossos comportamentos e interações sociais.

Neste debate, Connel e Pearse (2015) argumentam que uma boa parcela da sociedade se beneficia da polaridade de gênero, e os sujeitos que de algum modo tencionam essa polarização costumam serem marginalizados da sociedade. “Às vezes, o desenvolvimento da ‘identidade de gênero’ resulta em um padrão intermediário, misturado ou nitidamente contraditório, para os quais usamos termos como afeminado, afetado, *queer* e transgênero” (Connel e Pearse, 2015, p. 39).

Mariana Azevedo (2012) ao buscar compreender a construção da identidade política feminista por parte de homens, formula que a presença política dos homens nos movimentos feministas não se qualificam apenas como apoiadores da causa, mas porque também são oprimidos por construções sociais machistas e patriarcais. Contudo, ela observa limites: “[...] parece ser possível pensar em homens participando de diversas formas dos espaços de atuação do movimento feminista, desde que isto não abra a possibilidade destes ocuparem espaços de poder como representantes das demandas do movimento” (Azevedo, 2012, p. 20).

Além disso, Azevedo (2012) a partir de Rayween Connel, reforça que o melhor caminho para estudar sobre as masculinidades é desviar de vieses vitimistas, requerendo, assim, desenvolver uma postura que leve em conta as diversas relações de gênero, de classe, raça e sexualidade. Aliás, ao falar sobre "masculinidade" nos referimos às simbologias que estruturam sentidos aos modos de agir, aos comportamentos e as emoções que são designadas como modelos de masculinidade, logo, são tecnologias que disciplinam os corpos ditos masculinos (Oliveira, 2004).

Análise do material

O personagem/boneco Allan surge pela primeira vez em 1964, na linha de brinquedos da marca Barbie, como o melhor amigo do Ken ou como escrito em sua embalagem "He's Ken's Buddy", algo como "ele é companheiro do Ken". O termo "companheiro" corriqueiramente é usado para se referir a casais homossexuais (mesmo em inglês), e isso levou a interpretarem o personagem muito mais que um simples amigo do Ken. E por tal associação, o boneco causou polêmicas, e devido à baixa comercialização, acabou sendo descontinuado³.

Já o filme Barbie (2023) traz de volta diversos personagens clássicos do universo dos brinquedos, na qual o Allan retorna como o melhor amigo do Ken. E o filme busca evidenciar a forte ligação do personagem com o seu melhor amigo, como na cena em que retrata a preocupação intensa do Allan quando o Ken sofre um acidente. O que nos faz compreender o personagem como um homem sensível e amoroso. Ou seja, entendemos o Allan como um homem cuja masculinidade é subordinada ao que se entende por masculinidade hegemônica.

³ O personagem chegou à aparece décadas depois, totalmente reformulado e possuindo uma parceira romântica, mas também foi descontinuado devido a outras polêmicas.

Azevedo (2012) nos explica que nos estudos de Connell o conceito de masculinidade hegemônica ganha utilidade analítica, isto é, um modelo para identificar o que seria a masculinidade subordinada. Assim, deslocando-se do modelo hegemônico de masculinidade, o personagem Allan tende a se aproximar das atividades femininas, apesar de sempre parecer não se encaixar em nenhum dos grupos. Para construir este sentido, diversas cenas curtas (imagem 01) apresentam o personagem de modo solitário, em segundo plano, ou tentando fazer parte das atividades dos outros personagens do longa.

Imagem 01: sequência de cenas do personagem no filme.



Fonte: imagens capturadas do filme.

A protagonista do filme é impulsionada a passar por um processo de autoconhecimento e amadurecimento enquanto mulher, para isso ela precisa sair de sua realidade, e assim, ela parte acompanhada do seu fiel parceiro, o Ken. Ao adentrar o "mundo real", o casal se depara com uma sociedade dominada por homens, diferente da sua. Diante do novo ambiente, o Ken conhece as possibilidades de existência que os homens têm neste mundo desconhecido. Essa experiência o leva a questionar sua própria realidade, percebendo a subjugação que ele e seus semelhantes enfrentam no mundo das Barbies.

Após esse contato, o Ken retorna ao seu universo lúdico impondo uma nova ordem social, na qual as mulheres são subjugadas, hipnotizadas e tornam-se servas dos homens. E cenas apresentam a dificuldade do Allan em se adaptar à nova organização social.

Em uma cena específica, uma personagem feminina comenta: "o Allan gosta de me ajudar a fazer massagem nos pés de todos os Kens!". No entanto, o Allan, em segundo plano, protesta: "Não, não! Eu não gosto disso!". Sua indignação é momentaneamente ocultada quando outras Barbies, em transe, afirmam gostar de agradar os Kens. Isso evidencia uma clara subserviência feminina, onde Allan, mesmo relutante, acaba sendo arrastado para seguir o novo padrão, pois sempre esteve inclinado a se associar às atividades femininas.

Ganhando mais tempo de tela, vemos o personagem amadurecer quando este se revolta e se junta a um grupo de mulheres que estão tentando se rebelar contra os homens, a fim de restaurar a supremacia feminina. Nesse ponto, destacamos a cena de uma reunião de mulheres (imagem 02), em que o Allan encontra outros homens que, assim como ele, também não se sentem confortáveis com o padrão de masculinidade que foi instaurado. Aliás, esses outros homens fazem referência à bonecos do Ken que foram retirados de comercialização após serem associados à imaginários de homossexualidade (processo semelhante ao que ocorreu com o boneco do Allan).

Imagem 04: sequência de cenas do personagem no filme.



Fonte: imagens capturadas do filme.

É neste momento do filme há sequencias de cenas que nos evidenciam um suposto lugar do homem na luta para liberdade das mulheres. Após montarem o plano para restaurar a ordem feminina, a mulheres, ou melhor, as Barbies partem para campo de batalha trajando um macacão cor de rosa (imagem 03), vestimenta que o Allan também traja evidenciando sua atuação ativa na luta.

Imagem 03: sequência de cenas do personagem no filme.



Fonte: imagens capturadas do filme.

Vimos com Connel e Pearse (2015) que mesmo homens pertencentes a masculinidades subordinadas, ainda sim se beneficiam de privilégios dentro das desigualdades de gênero. Mas, descentralizando o sujeito político do feminismo, Azevedo (2012) verifica que a

atuação de homens nestes movimentos não limita-se a serem só “pró-feministas”, pois, ser “pró-feminista” é estar fora do movimento, quando, muitas vezes, há homens em ações diretas contra conjunturas patriarcais.

O papel que o Allan exerce é o de apoio estratégico. Por ser uma figura masculina ele consegue transitar entre os Kens, dando, assim, o acesso que as Barbies insurgentes precisam para poder dialogar com as Barbies que estão em transe por causa das ideologias patriarcais. Sua presença e contribuição na vitória das Barbies não apenas valida sua jornada pessoal, mas também demonstram a importância de uma abordagem inclusiva e colaborativa de homens na luta pela igualdade ou equidade de gênero.

Considerações finais

Podemos entendermos que o filme *Barbie* (2023) está longe de ser um material panfletário feminista, apesar de claramente beber de fontes discursivas feministas. Contudo, a jornada do personagem Allan nos permitiu refletir sobre a importância do reconhecimento dos homens como sujeitos associados aos feminismos, como agentes ativos de mudança, capazes de desempenhar papéis estratégicos e de apoio. No entanto, também ressaltamos a necessidade de os homens reconhecerem seus privilégios e estarem dispostos a confrontar as estruturas de poder que perpetuam a opressão de gênero, contribuindo, assim, para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Mariana. **Homens Feministas**: a emergência de um sujeito político entre fronteiras contingentes. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio, 2018.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero**: uma perspectiva global. São Paulo: InVersos, 2015. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4216087/mod_resource/content/1/Aquestaodogenero.pdf Acesso em 20 de outubro de 2023.

OLIVEIRA, Pedro P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro; 2004.